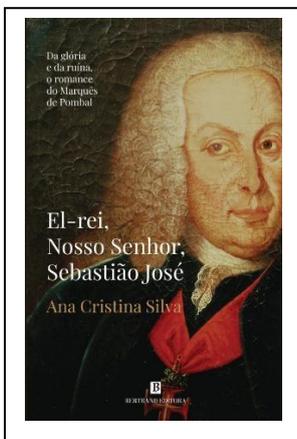


**[El-rei, Nosso Senhor, Sebastião José]  
[Ana Cristina Silva]****[Ana Cristina Silva] Biografia:**

Ana Cristina Silva nasceu em Lisboa e é professora universitária no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida na área de Aquisições Precoces da Linguagem Escrita, Ortografia e Produção Textual. Autora de 16 romances e de um livro de contos, foi três vezes finalista do Prémio Literário Fernando Namora (2011, 2012 e 2013), que venceu em 2017 com o romance *A Noite Não é Eterna*. Recebeu também o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues pelo romance *O Rei do Monte Brasil*, em 2012. Depois de *Bela*, biografia ficcionada de Florbela Espanca, e de *À Procura da Manhã Clara*, retrato ficcional de Annie Silva Pais, filha do último diretor da PIDE, publica agora *El-Rei, Nosso Senhor, Sebastião José*, o seu terceiro romance com chancela Bertrand Editora.

**Sinopse de [El-rei, Nosso Senhor, Sebastião José]**

*Sebastião José de Carvalho e Melo nasceu em 1699 e viria a morrer em 1782. O que aconteceu, entre o primeiro e o último dia da sua vida, que fez dele o homem que foi? Uma nova política socioeconómica, com reformas esclarecidas da administração, do ensino, da indústria e do comércio, entre outras, e a magnífica reconstrução da parte baixa de Lisboa após o terramoto de 1755, são elementos de um importante legado. Agora, enquanto surpreendente herói ficcional, este romance desvenda a linha em que se tocam a psicologia individual do homem e o jogo político de alto nível numa das mais importantes épocas da história portuguesa, pois o rei D. José I, como outros, não raras vezes se tornou uma marioneta nas mãos do hábil e narcísico Sebastião José.*

*Começando no dia 1 de Novembro de 1755, «Dia de Todos os Santos em que o demónio saiu a semear o Inferno em Lisboa com tremendos abalos, vastíssimas ondas e intensas labaredas», e discorrendo sobre as memórias e as humilhações de Sebastião José antes e depois da sua ascensão ao poder, a forma como enfrentou os inimigos e os venceu, deixando-os sem terra onde semear mais injúrias, mas também o casamento, o nascimento dos seus filhos, a fortuna do amor - e os gritos suplicantes dos condenados pela ambição ou capricho do Marquês -, *El-rei, Nosso Senhor, Sebastião José* é uma história de ambição, paixão e traição desde a glória da vitória até à decadência do fim.*

*Alvo de uma pesquisa histórica irrepreensível, a vida deste genial e sofisticado político, mas senhor da brutalidade e da manipulação, implacável ao perseguir os seus interesses, presta-se agora à imaginação de um romance pela mão de mestre de Ana Cristina Silva.*

JL, jornal de letras, artes e deias, Luís Ricardo Duarte (jornalista)

## Ana Cristina Silva – Pensar como o Marquês de Pombal



### **Uma conversa com Ana Cristina Silva, autora de *El-rei Nosso Senhor, Sebastião José*, perfil ficcionado do Marquês de Pombal**

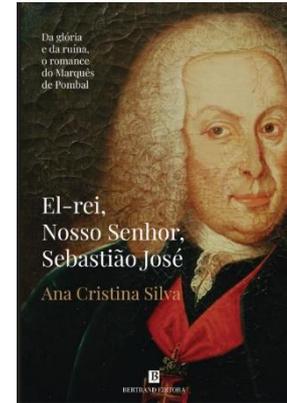
Ana Cristina Silva sempre se interessou pelo poder e pela forma como figuras centrais ou mais das margens o conquistaram e exerceram.

Foi por isso sem surpresa que chegou ao Marquês de Pombal, com quem lutou durante dois anos para lhe traçar um perfil ficcionado, num romance biográfico, *El-rei Nosso Senhor, Sebastião José*, como não se publicava há muito tempo (o último, segundo apurou, é do século XIX).

Numa terceira pessoa que simula a primeira de um narcísico, a escritora acompanha a vida do secretário de Estado do Reino de D. José I, desde o Terramoto à sua destituição.

Formada em psicologia e especialista em aquisição da literacia, Ana Cristina Silva, 59 anos, estreou-se literariamente, em 2002, com Mariana, Todas as Cartas.

Desde então publicou dezena e meia de romances, como Bela, Cartas Vermelhas, A Segunda Morte de Ana Carenina, As Longas Noites de Caxias ou À Procura da Manhã Clara. Com Rei do Monte Brasil recebeu o Prémio Urbano Tavares Rodrigues e, com A Noite não é Eterna, o Prémio Fernando Namora.



### **O que a seduziu na figura do Marquês de Pombal?**

O poder. Tanto a sua conquista, como a sua manutenção. E a figura do narcisista que lhe é subjacente. O Marquês de Pombal era uma pessoa encantadora, bem-apeçoada, sabia fazer rir as damas ou os embaixadores estrangeiros. Mas debaixo dessa aparência de encanto infiltrava-se um ressentimento e a necessidade de corrigir a vida do fidalgo.

Foi de tudo isso que surgiu a necessidade de controlar e de punir quem ousasse enfrentá-lo. Também é muito interessante perceber como usou a propaganda ou como foi capaz de manipular a realidade a seu favor.

### **Uma figura muito atual...**

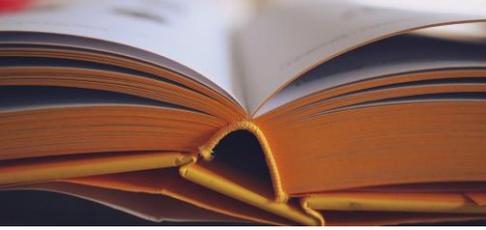
Sim, totalmente. Veja-se o exemplo da propaganda que fez contra os Jesuítas e como espalhou factos reais e outros menos reais pelas cortes europeias... É fácil imaginar o Marquês de Pombal, hoje, a usar as redes sociais. Além disso, nos seus escritos, preocupou-se em defender a forma como iria ser visto no futuro, nomeadamente a partir do final da vida, da sua destituição e do seu "exílio" em Pombal.

### **Tentou um retrato psicológico mais aprofundado, face a outras abordagens que já foram publicadas sobre o Marquês de Pombal?**

Segundo apurei, não havia um romance sobre o Marquês de Pombal desde o século XIX. E este é um romance biográfico. Não faltam biografias, incluindo a da Agustina Bessa-Luís, que também se insere nesse registo. Espero que os factos sejam o mais precisos possível do ponto de vista histórico, pois há imensas fontes, algumas contraditórias. Mas o ponto de partida é a sua personalidade, a tal dimensão narcísica, na procura de chegar à interioridade do Marquês de Pombal.

### **É inevitável, num relato biográfico sobre o Marquês de Pombal, começar pelo Terramoto de 1755?**

Num certo sentido, sim. Comecei pelo Terramoto por duas razões. É um marco no país, mas também na ascensão ao poder do Marquês de Pombal. É a partir de 1750 que ele faz um conjunto de manobras para se ir apropriando de parcelas do poder, nomeadamente as que eram exercidas pelo primeiro secretário do Reino, o



Pedro Mota da Silva. A segunda razão é a mais conhecida: com o Terramoto e até à morte de D. José ele tem, efetivamente, o controlo do governo e do país.

**Ao longo da escrita do romance partilhou nas redes sociais a relação difícil que estava a ter com o Marquês de Pombal. Foi de amor e ódio?**

Talvez mais de fascínio e repulsa, o que pode dar no mesmo [risos]. O Marquês de Pombal era um homem extraordinariamente inteligente. Todo o seu percurso é fascinante, digno de um discípulo do mestre Maquiavel. São redes de manipulação e círculos de lealdade, suportadas em muitos favores pessoais. Mas, ao mesmo tempo, há uma crueldade extrema, um poder exercido através do medo.

**Os seus romances têm sempre uma forte componente de investigação. É uma dimensão que a estimula para a escrita?**

Sou, por formação profissional, investigadora na área da aquisição da leitura. Tenho prática de ir às fontes e de selecionar o mais relevante. Mas é apenas uma dimensão necessária: o que mais de estimula é a escrita e montar o 'puzzle'. Neste caso, era importante encontrar a linguagem certa, nem totalmente da época, nem totalmente atual. Foi o romance mais difícil que escrevi.

**Porquê?**

Pela contradições das fontes (não há certezas em relação ao sítio nasceu), mas também pela violência de algumas partes, como a morte dos Távoras e do Padre Malagrida. Foi um longo processo entrar dentro desta personagem, da sua voz, e chegar a esta terceira pessoa que é uma primeira pessoa dentro da lógica narcísica.

**Em que sentido?**

Há a mesma ambiguidade que encontramos em Trump, que quando se refere ao seu processo em tribunal diz: "Este juiz não gosta do Trump". Inspirado por ele, criei esta terceira pessoa que se confunde com a primeira. E que me permitiu pensar pela cabeça do Marquês de Pombal.

# *ANA CRISTINA SILVA: POMBAL ERA UM NARCISISTA MALIGNO, COMO TRUMP E PUTIN*

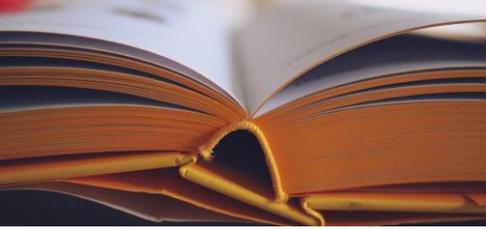
José Couto Nogueira<sup>Texto</sup>

23 jun 2024

Sendo psicóloga, Ana Cristina Silva já escreveu notáveis ficções biográficas, como as de Florbela Espanca, a poetisa amargurada, e Annie Silva Pais, filha do diretor da PIDE. Mas a que acaba de lançar agora, “El-Rei, Nosso Senhor, Sebastião José” (Bertrand, 2024) é a mais complexa, retratando tanto a personalidade do Marquês de Pombal, como a política e o ambiente da época.



MadreMedia

**Considera este livro um romance histórico ou uma biografia?**

É uma biografia ficcionada. Baseada em factos, mas ficcionada.

**Um romance histórico, portanto. Fez muita pesquisa? Há documentação abundante?**

Infelizmente, tive de fazer muita pesquisa. Há alguma documentação que pode ser consultada online. Bastantes dos escritos dele e, depois, li imensas biografias.

**Dá muita ênfase ao relacionamento dele com a segunda mulher, Eleonor Ernestina. Também li muito sobre o Marquês e não me lembro de ler nada sobre ele ter uma relação tão afectuosa com ela.**

Essa parte é mais ficcionada. Mas existe documentação, as cartas dela, que estão publicadas pela Fundação Marquês de Pombal. Li-as no Palácio de Oeiras.

**Uma coisa que não menciona, e achei estranho, é ele ter sido maçom.**

Já era muita coisa...

**Se bem que ele não tinha um comportamento nada maçónico, embora, surpreendentemente, o Palácio de Oeiras esteja cheio de símbolos maçónicos.**

Pois está. Mas isso é um outro nível de complicação. Tive de optar por excluir algumas coisas que não me parecem essenciais para o perfil dele.

**Como psicóloga, interessa-se mais pela personalidade dele, não é? Aliás isso está em todas as suas biografias.**

Esses dois níveis interagem. O nível das ações e o nível do tipo de personalidade. Ele é retratado como um narcisista maligno, obviamente!

**Quer dizer, um Trump do antigamente.**

Exatamente. Aliás, aquela coisa de "eu, Sebastião José", foi inspirado no próprio Trump. Porque o Trump também fala de si próprio assim: "Estou a ser julgado por um juiz que não gosta de Trump."

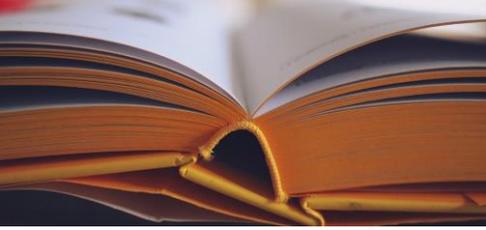
**Acha que esse tipo de narcisismo maligno, que era possível de exercer nos tempos do [Ancien Regime](#) não mudou nada para a actualidade?**

Mudou o grau de crueldade que é aceitável. Essa desordem de personalidade grave, que está no limite da psicopatia, podemos encontrá-la no Trump, no Putin, e em tantos outros.

Eu estou a escrever sobre um ditador do século XVIII, mas muitas das suas características podem ser encontradas no século XXI.

**Nessa época era mais possível, claro. Também em França, a ditadura era exercida por um "primeiro ministro" em nome do rei, como foram os casos do [Richelieu](#) e do [Mazarin](#). Todos terríveis, quando chegavam ao poder.**

E o Putin? E o Trump? E o Bolsonaro? Não são melhores.



**Uma coisa que diz, e que aliás é do conhecimento comum, é que as pessoas assim acham-se perseguidas. Quer dizer, são más como reacção a serem perseguidas e incompreendidas. É um quadro típico dessa patologia?**

Não é bem. Podem ter um laivo de paranóia, mas o que há é uma insegurança intrínseca. No caso do Marquês, isso está explorado nas relações com o pai e com o avô, e tem a ver com a condição social da família. Por isso lhe chamavam o “fidalgote”. Essa insegurança e baixa autoestima faz com que haja uma obsessão do controlo e uma reacção absolutamente desproporcionada - no caso do Marquês, absolutamente cruel - em relação a todas as críticas e oposições. No caso dele não se pode dizer que este diagnóstico foi inventado, porque os dados são mais que evidentes. Pode ter sido inventada a forma de pensamento, mas a plausibilidade duma postura estratégica e maquiavélica, com base nos escritos dele e numa série de documentação, é muito forte.

**É interessante que ele fosse um narcisista maligno e, ao mesmo tempo, uma pessoa que fez muito pelo país. Põe-no a falar muito no “interesse nacional”, mas não tenho a certeza se esse interesse estava na cabeça dele - apesar de ter feito o país avançar muito.**

Também não tenho a certeza. Também encontramos essa narrativa no Putin. O narrador nunca sabe se ele é assim, mas fala sempre no interesse nacional, no progresso e mais não sei quê, para justificar as acções mais terríveis deste mundo. De qualquer maneira, ele foi influenciado pelo que viu lá fora - era um estrangeirado - e quis implementar aqui, mas também o fez de uma forma relativamente atabalhoada.

**Isso é “à portuguesa”.**

Exatamente!

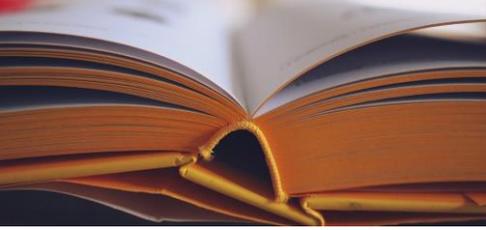
**O facto é que o país progrediu muito com ele, e depois, quando foi a [viradeira](#), voltou para trás.**

Recuou, até porque ele procurou homens que tivessem uma outra visão, que fossem leais e ao mesmo tempo seguissem as suas ideias. Homens que qualidade, que não tinham necessariamente que vir da nobreza. Depois dele sair, voltaram os privilégios dos grandes fidalgos em detrimento da competência

**A ação dele foi uma novidade neste país. Mais “nouveau regime”.**

Exatamente. Por exemplo, em relação à [Guerra Fantástica](#), que eu não conhecia antes de me documentar para o livro, o estado do exército tinha muito a ver com o modo como as tropas eram constituídas. Os oficiais eram os meninos finos, filhos dos nobres, que não percebiam nada de guerra.

**Quando fiz tropa, em 1970, ainda se usava o manual do Conde de Lipe, imagine! Com atualizações, mas tinha muitas frases intocadas. Havia uma frase, que não sei se ainda lá estava, mas sei que era do original, em que o conde escrevia: “Os**



**sargentos têm de saber ler e escrever porque os oficiais, sendo nobres, não precisam.”**

**Há uma grande diferença entre a nobreza portuguesa, que vivia de rendas e tinha muito orgulho em não fazer nada, e a nobreza inglesa, que fazia questão de ser erudita para mostrar que não precisava de trabalhar. A mesma snobeira, com resultados completamente diferentes. Isso prejudicou-nos bastante.**

Isso e a expulsão dos judeus, também. É a mentalidade de um determinado tipo de elite. E não sei até que ponto as elites atuais não continuam a pensar que têm esse direito de ser elites.

É como o medo; o Marquês de Pombal governou pelo medo, e o fascismo (do Salazar), também. E esse medo, talvez não seja genético, mas é passado de geração em geração.

**Há uma frase do Maquiavel sobre isso, não há?**

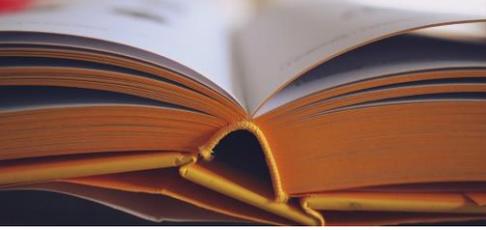
“É melhor ser temido do que amado”.



*créditos: MadreMedia*

**Hoje já não é tanto assim. É interessante estabelecer essa comparação entre um tirano do “ancien regime” e um tirano contemporâneo. Porque continua a haver diferenças de classe e pessoas que sobem de baixo, mas existe uma consciência de que o poder vem da vontade do povo, muito diferente da que havia no tempo do Marquês.**

Até certo ponto, sim. Agora, o livro é uma biografia romanceada, mas é um livro político, no sentido em que o Marquês representa um paradigma. É um sedutor, uma das características dos narcisos. Não me estou a referir ao facto de ele seduzir mulheres; é na



sua forma de agir com todos e foi essa sedução que lhe permitiu apropriar-se de camadas de poder. E, depois dessa apropriação e da criação de clientelas, arranjou formas de controlar e manter o poder. E também criou uma coisa absolutamente moderna, que é uma narrativa do progresso para justificar os seus actos. A propaganda que fez, por exemplo, contra os jesuitas. Também se preocupou com a forma como seria visto no futuro, depois da viradeira. Acho isto extraordinário.

### **A preocupação de ficar para a posteridade, não é?**

Exatamente. A forma como havia de ficar a posteridade. Parece o Estaline a recortar as fotografias para apagar pessoas da História. Imagine o Marquês com os algoritmos de hoje!

**Bom, aquilo a que nós chamamos hoje de “fake news” é uma coisa que sempre existiu. Aquelas cartas, que eram privadas mas escritas para se tornarem públicas, era a desinformação consciente. E todos faziam, ele e os inimigos dele.**

O termo “fake news” só tem a ver com a dimensão da circulação.

**Naquela altura circulavam menos do que hoje porque também havia uma menor percentagem de pessoas letradas.**

Eu gosto muito daquela definição do Milan Kundera sobre os romances históricos; há os que ilustram uma determinada época e os que mostram aquilo que é intrinsecamente humano, independentemente da época. Como é o caso da aspiração ao Poder, a necessidade de Poder, o seu carácter libidinoso!

**Pois, isso não mudou nada desde a aurora das civilizações.**

E as estratégias que se usam para conquistar e manter o Poder, sempre as mesmas.

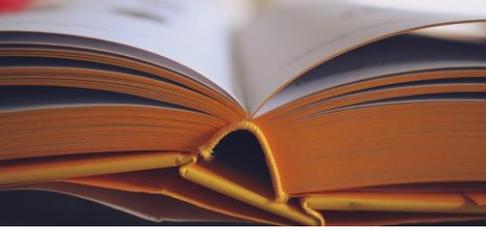
**Não fala muito do [Pina Manique](#), o primeiro “chefe da polícia política”, como seria mais tarde o famoso [Fouché](#) em França.**

Está lá referenciado. Mas não queria que o livro fosse extenso demais. Ele era a mão armada do Marquês, até ao último momento. Foi ele que organizou o [incêndio da Trafaria](#) da população de Arenilha para Vila Real de Santo António.

**Percebo que o livro é sobretudo um retrato psicológico do Marquês, e portanto os acontecimentos históricos são acessórios desse retrato.**

**Agora, uma coisa que o livro mostra, sem o dizer, é que o D. José era um inútil, que pouco se interessava pela governação e preferia caçar e ouvir música. Tinha o Marquês para governar o país por ele. Um menino mimado.**

Mas havia certas situações, nomeadamente no processo dos [Távora](#), em que o Marquês diz mata e o Rei esfolta.



**O Rei terá achado que tinha de mostrar publicamente que estava ultrajado, por causa dos ciúmes da mulher, Mariana Vitória, em relação ao namoro dele com a “marquesinha” Teresa de Távora e Lourena.**

O Rei acreditou na conspiração congeminaada pelo Marquês.

**Acha que não foram os Távora que atentaram contra o Rei?**

O Duque de Aveiro talvez, os Távora não. Foram torturados e mortos porque eram inimigos de Pombal. Daquilo que eu li, é muito pouco provável que estivessem envolvidos na conspiração. Não sei, não posso garantir que o D. Nuno e a Leonor de Távora, pelo menos não tivessem conhecimento, mas o Francisco não me parece. O filho mais velho, Luis Bernardo, marido da “marquesinha”, estava num baile na noite do atentado.

**Mas então, voltando ao quadro do que é o Poder, as ferramentas continuam as mesmas.**

Pois continuam. Aliás foi uma razão que me levou a escrever este livro é que não há um romance biográfico do Marquês desde o século XIX. Há muitas biografias, mas nenhum romance. O Marquês, enquanto figura ficcionada aparece em muitos romances, mas acessoriamente. Nunca como protagonista.

**Claro, qualquer romance que se passe naquela época tem de ter referências ao Marquês. Mas sobre a personalidade dele, propriamente dito, só podemos saber através do que ele escreveu, não é? Nesse aspeto, acho que fez um excelente trabalho. Pombal sempre me fascinou e li muito sobre ele, porque é uma pessoa muito má que fez muito bem ao país.**

É a impressão que eu tenho, mais ou menos. Quando vejo as maquinações dele para implicar os Távora no regicídio, a ordem de como deviam ser torturados... Ao escrever sobre ele, com uma certa ambiguidade em relação à primeira e terceira pessoa, pensei: será que também eu sou um bocado má?

**Mas usa esse processo narrativo (em que mistura os pensamentos dele, na primeira pessoa, com as ações, na terceira) que faz todo o sentido, para explicar o que ele pensava antes de ir convencer o D. José I a assinar os despachos. Os textos eram dele, mas o Rei tinha de assinar para terem efeito e, também, para ele ter o argumento de que apenas cumpria a vontade de Sua Majestade.**

Pois, o D. José andava sempre ocupadíssimo com a caça e a ópera, tinha muito com que se entreter e, portanto, dava-lhe jeito que o Marquês tratasse dos assuntos desagradáveis.

**E aquele fiel secretário dele, o Caetano, existiu? Leu coisas sobre ele?**

Existiu e há referências. Eu ampliei um bocadinho.

**Agora, a questão dos jesuítas. Como sabe, aquela enorme estátua do Marquês na rotunda (em Lisboa) foi erigida pelos os jacobinos da I República, que gostavam muito dele por ter expulso os jesuítas.**

O Marquês não viveu nem ficou na História discretamente. Ou era odiado, ou era amado, conforme a ideologia.



**Há uma questão que se levanta sempre quando se escreve sobre outras épocas, que é a linguagem. Não se pode usar a linguagem da época porque os leitores não percebem, mas não se pode usar a linguagem contemporânea porque tira o sabor daquele período. Há um equilíbrio, e acho que resolveu isso muito bem, porque usa a língua de hoje, mas com expressões do século XVIII.**

Foi uma maneira de mostrar o narcisismo de Pombal - narcisismo é um conceito moderno, do final do século XIX - e ao mesmo tempo conservar o cerimonial, os salamaleques do século XVIII. Mas medi cuidadosamente esse equilíbrio, foi contabilizado à página.

**Quanto tempo é que levou a escrever o livro?**

Dois anos. De todos os que fiz, foi o que levou mais tempo. Mas durante esses dois anos continuei a trabalhar como professora no ISPA.

**Muito bem; tem mais alguma coisa a dizer em sua defesa?**

A minha defesa.... Foi um livro que eu tive particular prazer em escrever. Depois de ter aquilo arrumado, que dá muito trabalho a arrumar, particularmente a linguagem. Os escritos dele têm uma elegância que eu não queria perder.

# Marquês de Pombal: fundador da escola pública e apreciador das subtilezas da manipulação

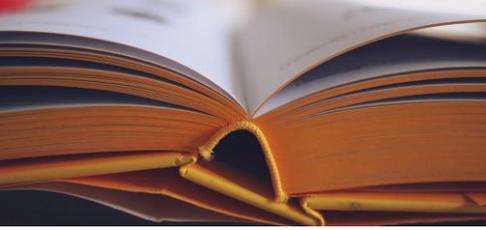
Ana Cristina Silva / Diário de notícias  
Opinião, 27 junho 2024



O ano letivo está a acabar e a defesa da qualidade da escola pública tornou-se, nestes tempos de velocidade e de pouca reflexão, mais do que nunca um imperativo. A escola tem, atualmente, de preparar os alunos para os desafios das aprendizagens ao longo da vida e também para serem capazes de enfrentar a lógica de manipulação que subjacente a certas publicações nas redes sociais, manipulação essa que se vai ampliar certamente em tempos futuros graças à Inteligência Artificial (IA). Permitam-me que vos fale hoje da figura política que foi o fundador da escola pública em Portugal e também ele um fundador das artes da manipulação política. Esta é a minha décima quarta crónica neste espaço de opinião, sendo mencionada em baixo como professora do Ispa e escritora. Recentemente publiquei um romance na Bertrand com o título *El-rei, Nosso Senhor, Sebastião José*. Escolhi a figura do marquês de Pombal para personagem central de um romance, exatamente por me parecer que ele é um paradigma de uma certa forma de se exercer o poder, a qual se pode reconhecer atualmente em políticos como Donald Trump ou Vladimir Putin.

Os escritos da época afirmam que Sebastião José era encantador, alto, bem-apeesoado, sabia fazer rir as damas e seduzir embaixadores estrangeiros com episódios brejeiros. Sob essa aparência encantadora infiltrava-se um ressentimento ancestral e a necessidade de corrigir a história de vida do fidalgo de forma a rever-se na imagem de um homem de contornos poderosos. Na vertigem do seu narcisismo está a necessidade de controlo e a punição a quem ousasse afrontá-lo. A sua imensa energia, quando aplicada contra os inimigos, podia encandear-los para os queimar em lume lento ou em rápida incandescência. O exercício do poder pela punição, seguindo de muito perto as pisadas do mestre Maquiavel, transforma-se em prazer, o castigo é empolgante porque é a contínua validação da sua vitória sobre o fidalgo.

O medo enraizou-se com a ação governativa do Marquês, o mesmo povo que dizia «Mal por mal antes Pombal». Se antes o povo já tinha entregado a alma ao medo



com a Inquisição, rodopia com mais velocidade nas chamas do medo com a ação governativa de Sebastião José.

Além de estender os tentáculos do medo sobre o povo, a nobreza e o clero, Sebastião José aplica outros recursos de controlo moderníssimos. A manipulação de factos, a propaganda e os círculos de favores são alguns dos meios de que Sebastião José recorre abundantemente para sustentar o seu poder. A estratégia da mentira ampliada e repetida mil vezes de forma a tornar-se verdadeira aos olhos da opinião pública era uma das armas preferidas de Sebastião José, qual foi muito usada, por exemplo, contra os jesuítas. Imaginem essas manobras retóricas ampliadas pelo uso das redes sociais e rapidamente somos transportados para a modernidade e para os esquemas atuais de seguidores acéfalos nas redes sociais, de teorias da conspiração ou de narrativas manipuladas. A criação de aliados e cúmplices através de círculos de favores, essa uma artimanha clássica de manutenção do poder, foi naturalmente usada pelo Marquês. Todos os ditadores contam uma história que justifica as suas ações. Estas narrativas manipuladas são do passado, acontecem no presente e pode-se prever que irão, sem dúvida, suceder no futuro. Sebastião José é a este nível uma referência. Na sua capacidade visionária de mudar o país recorre à grandiloquência das palavras – modernidade, progresso, avanço – para fundamentar abusos e esmagar os opositores. Mas a sua tendência para se narrar manipulando a história a seu favor vai mais longe ao ponto de procurar deixar escrito a leitura de que o futuro fará da sua persona. Reconhecem alguma destas características do marquês de Pombal nos tempos atuais?

*Ana Cristina Silva*

*Professora do Ispa – Instituto Universitário e escritora*